



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da expansão da refinaria Alunorte e anúncio da implantação do pólo siderúrgico em Marabá**

**Barcarena-PA, 14 de agosto de 2008**

Durante 30 anos da minha vida eu dizia que liberdade não era apenas o direito de a gente gritar que estava com fome, era o direito de comer, e quero dizer que estou com uma fome muito grande. Participar da inauguração da Alunorte não é só discurso, também um pouco de comida... Eu saio daqui, Roger, e vou direito para o Paraguai.

Minha querida companheira Ana Júlia, governadora do estado do Pará,  
Companheira Dilma,  
Companheiro Pedro Brito,  
Desembargadora Albanira Lobato, presidente do Tribunal de Justiça do Pará,

Roger Agnelli, em nome de quem eu quero cumprimentar os demais empresários, inclusive o nosso parceiro norueguês,

Quero cumprimentar a direção da Vale e a direção de todos os seus associados,

Quero cumprimentar os fornecedores,

Quero cumprimentar os secretários estaduais, os prefeitos, as prefeitas, os vereadores e os nossos amigos da imprensa,

Eu confesso que não tenho mais forças para fazer discurso. Quero apenas dizer uma coisa em homenagem aos trabalhadores da Alunorte e da Vale: construir uma nação é muito difícil se não pensarmos a nação na sua totalidade. Durante muito tempo – eu diria, durante muitos séculos – não se pensou o Brasil na sua dimensão, com as diferenças regionais que persistiram



desde que o País foi descoberto em 1500. Precisa-se pensar num país na sua totalidade e, portanto, pensá-lo globalmente. Dentro desse processo e pensamento global, começar a ter o pensamento das macrorregiões, depois dos estados e, dentro dos estados, das microrregiões.

Se não pensarmos o conjunto do País, começa-se a construir um modelo de desenvolvimento eminentemente subordinado a uma coisa chamada viabilidade econômica ou mercado. Então, começa-se a pensar: eu só posso investir onde tem infra-estrutura, onde tem formação acadêmica suficiente para atender ao meu mercado; eu só posso produzir onde tem mercado consumidor para os meus produtos, onde já tem portos preparados para evacuar os meus produtos.

Pensando assim, o Brasil foi ficando meio torto, ou seja, só cresceu um lado. O restante do território nacional ficou um pouco abandonado durante muitos e muitos anos. O Nordeste e o Norte do País foram vítimas dessa visão de apenas fazer investimentos onde as coisas já estavam prontas. Sendo assim, qualquer outro estado brasileiro tem poucas chances de competir com São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e o Sul do País.

Eis que um dia surgiu um presidente da República chamado Juscelino Kubitschek, que se lembrou que era preciso mudar a capital – que já estava contida em projeto de lei – para o Centro-Oeste brasileiro, numa perspectiva de desenvolver uma outra região do País. E foi mais além: construiu a Belém-Brasília, na perspectiva de permitir que o desenvolvimento chegasse ao Norte do País. Isso aconteceu nos anos 50 e nós estamos em 2008.

Num outro momento, se pensou em desenvolver o estado do Amazonas com a criação da Zona Franca, que foi motivo de polêmicas e mais polêmicas. Todo mundo sabe que a região Centro-Sul do País não queria que fosse construída a Zona Franca de Manaus, que não se desse nenhum benefício para a Zona Franca de Manaus, porque certamente alguns pensadores imaginavam que no Amazonas e em toda a Amazônia só existia índio e,



portanto, índio não precisaria de desenvolvimento.

O que nós estamos fazendo aqui hoje é tentando provar que precisamos fazer uma mudança no comportamento do governo central e também na consciência política do País. O País será muito mais justo e terá muito mais possibilidades de se desenvolver se tornarmos o seu crescimento mais equânime, se nós o olharmos como um todo e se levarmos para cada região do País aquilo que tem possibilidade de se desenvolver lá.

Hoje nós estamos consagrando uma parte daquilo que, há muito tempo, a Vale começou a plantar aqui no estado, que é a mineração. Como também estamos fazendo no Nordeste, em cada estado, políticas de desenvolvimento adequadas às necessidades do Nordeste brasileiro. As regiões mais produtivas do País terão muito a ganhar quando as regiões mais pobres tiverem gente mais qualificada profissionalmente, com melhor poder aquisitivo e, portanto, como consumidores potenciais dos produtos produzidos nas regiões mais ricas do País.

Uma vez, conversando com o Roger, até por conta da grande movimentação que existia nas ferrovias da Vale, eu disse para ele: é preciso que a Vale comece a compreender que vai ficando cada vez mais inexplicável, uma empresa da magnitude da Vale, ser apenas exportadora de minério de ferro. Apenas tirar o minério de um estado e levá-lo para outro país ou mesmo para outra região do País, e não deixar no estado que fornece a matéria-prima nenhuma esperança e nenhum sinal de que pode ter um novo ciclo de industrialização a partir da matéria-prima que ele próprio produz. Começamos a discutir, então, a questão da necessidade de fazer uma siderúrgica aqui no Pará. Já tinha a reivindicação da companheira Ana Júlia, eu sei que outros governos também reivindicaram, em outros momentos, eu sei que outras pessoas também prometiam, possivelmente outros presidentes da Vale também prometeram. Havia sempre um emaranhado de promessas e de vontades que não se conseguiu cumprir.



Nós estamos aqui não apenas para inaugurar uma nova planta da Alunorte – eu já vim na outra e estou vindo agora – mas também para anunciar a construção de um pólo siderúrgico aqui na região. Não vai ser do dia para a noite, e é importante que a gente saiba que não anunciamos nenhuma coisa aqui que vá acontecer amanhã. Quando a galinha bota um ovo, ninguém espera que o pintinho nasça no dia seguinte. Ele vai ter que ser chocado e a partir daí é que vai nascer o pintinho. Se não chocar bem, ele vai gorar.

Estamos discutindo esse projeto com a Vale para que a gente faça um cronograma em que todos nós sejamos capazes de assumir compromissos. O governo do estado assume compromisso em relação àquilo que são a sua função e as suas obrigações. O governo federal, através dos Ministérios que têm vinculação direta com o pólo, terá que assumir também compromissos, com data, com o que vai acontecer em cada período. A Vale assume os seus compromissos. Se todos nós cumprirmos com nossos compromissos, nós poderemos, no final de 2012, estar inaugurando uma grande siderúrgica na cidade de Marabá, no estado do Pará.

O importante é que vocês sejam agentes construtores dessa idéia e cobrem da Ana Júlia, do governo, da Vale, para que a gente também possa cobrar dos ministros afins que cada um cumpra com a sua função. Se todo mundo fizer a lição de casa, o projeto estará garantido.

O que virá por trás de um projeto como esse? Atrás de uma siderúrgica vem, logo de cara, uma fábrica de cimento. Logo de cara é preciso produzir uma termoelétrica ou uma hidrelétrica para produzir energia para a siderúrgica. Aí vem um pólo metal-mecânico. É quase uma consequência natural vir um pólo metal-mecânico. A Vale é dona de quase metade das ferrovias do Brasil, portanto vai precisar comprar vagões, locomotivas e, em vez de importar, temos que aprender a produzir essas coisas aqui no estado e em outros estados também.



Quando a gente começa a fazer isso, vai colher daqui a cinco, seis, sete, oito anos um modelo de desenvolvimento que levou em conta as especificidades regionais, as características de cada estado. E quando isso acontecer, nós vamos perceber que o Brasil será mais equilibrado, que estará fazendo justiça aos seus 190 milhões de habitantes.

A mesma coisa estamos fazendo com o Nordeste brasileiro. Se a gente deixasse, sem nenhuma interferência do Estado brasileiro, as coisas acontecerem apenas por conta da vontade do mercado, sabe o que iria acontecer, meu caro Damian? A Petrobras, por exemplo, só iria fazer refinarias na região Centro-Sul, ou as empresas só iriam querer construir coisas onde tivesse comprador ou mercado. É como aquele negócio das telefônicas: todo mundo acha que é bom, que foi importante o processo de privatização da telefonia brasileira. Agora, quem cuida daqueles que moram bem distante não é quem está pensando no lucro, é quem está pensando na cidadania.

Nós agora estamos fazendo **(falha na gravação)**. É muito mais fácil fazer a ligação numa casa ou numa rua em que se pode puxar a ligação para dentro de casa do que sair no meio da Amazônia, com uma casa a 20 quilômetros de distância da outra, levando postes, fios, às vezes custando 5 mil reais uma ligação. O Estado tem que garantir e não tem que pensar em gastos. Tem que pensar em investimentos, porque essas pessoas têm o direito de ter acesso às coisas.

Eu, Ana Júlia, estou tão feliz quanto você e o Roger pelo dia de hoje, porque o sinal dado foi muito forte. O sinal não apenas da inauguração de uma empresa que se transforma na maior produtora de alumina do mundo, mas também do anúncio de que nós vamos fazer uma siderúrgica no estado do Pará. Isso vai acontecer porque o Brasil precisa. O Brasil passou 20 anos sem construir um alto-forno.

O Brasil pegou mania de ficar olhando, primeiro para a Europa, achando que ela iria nos dar aquilo que nós mesmos tínhamos que nos dar. Depois,



passamos 20, 30 anos olhando para os Estados Unidos, achando que eles iriam nos dar o que nós mesmos tínhamos que construir. Agora ficamos olhando para a China. “A China saiu de 60 para 400, 500 milhões de toneladas, a China cresceu”. Por que a China cresceu? Porque investiu, porque fez. Aqui no Brasil, nós ficávamos olhando a China crescer e não investíamos. Vinte anos sem criar um alto-forno no Brasil. Vinte anos é uma geração.

Nós, agora, resolvemos entrar na discussão com os nossos empresários do setor siderúrgico para começar a recuperar o tempo perdido. Como a construção civil vai crescer – e nós queremos que cresça – se não tiver aço para vender para construir os prédios que nós precisamos? Como vai crescer a indústria automobilística se não tiver o aço de que nós precisamos? Como vai crescer a indústria naval, que nós já recuperamos, se não tiver chapa de aço para vender?

O Brasil não pode se dar ao luxo de virar um importador de aço. O maior exportador de minérios do mundo ser um comprador de aço. É como se nós tivéssemos que importar feijão, soja, açaí para comer. É como se vocês, do Pará, fossem comprar açaí em São Paulo. Então, nós estamos fazendo aquilo que, não a inteligência, mas o bom senso ensina a gente a fazer. Nós estamos levando para o País a possibilidade...

Eu não tenho vergonha de viajar o mundo e dizer para (inaudível): vamos investir, mas em outro estado. Vamos investir em outro estado que não tem nada. Vamos levar a indústria automobilística, a fábrica de papel e celulose para outro estado. Senão, vai tudo para onde já está pronto, Damian. O Brasil vai ficando inchado, inflado de um lado: aquele monumento de riquezas cercado de miseráveis por todos os lados. O Norte e o Nordeste do País vão ficando esquecidos, como se fossem uma pátria distante do próprio território nacional.

Quero dar os parabéns, Roger... Quero dar os parabéns, companheira Ana Júlia, pelo trabalho, pela dedicação e pelo esforço que sei que vocês, do



governo, fizeram. Deve ter enchido muito a Dilma, deve ter tido muitos telefonemas, muitas reuniões. O dado concreto é que as coisas estão acontecendo. Nós conseguimos plantar a semente. A semente está plantada e agora vamos jogar água, adubar, para ver se em 2012 a gente colhe. Certamente que, em 2012, eu já estarei fora do governo há dois anos, mas espero ser lembrado e convidado para a inauguração do setor siderúrgico. Político sem mandato, nem vento bate nas costas. Eu só espero ser convidado para participar da inauguração desta siderúrgica.

O Roger sabe que nós queremos outras siderúrgicas. Nós precisamos levar as coisas pelo Brasil afora. Não é possível continuar assim. O Brasil vive um momento excepcional. Estou convencido de que entramos num ciclo duradouro de crescimento. O Brasil vai se transformar, definitivamente, em um país desenvolvido. O que precisamos é acreditar em nós mesmos. Tem uma parte de brasileiros que gosta de achar que não pode nada: “eu sou coitadinho, eu sou pobrezinho, eu não posso...” Ninguém vai para a frente assim. Eu não conheço uma pessoa que se levante azeda, de mau humor e desacreditada, que consiga vencer na vida. Nem namorado ela arruma. Tem que acordar acreditando que todo dia vai ser melhor do que o dia anterior, e tem que lutar para conquistar.

Eu estou convencido – e estou aqui na frente de empresários, de companheiros de muitas jornadas – de que no dia em que a gente fizer uma análise de algumas crônicas econômicas sobre o nosso governo durante esses seis anos, essas pessoas vão ganhar um prêmio, porque erraram 99% das análises econômicas que fizeram sobre o Brasil. Eu não tenho dúvida disso.

Agora mesmo estamos numa pequena polêmica, Damian. Achamos petróleo no pré-sal e tem alguns que acham: “o petróleo é da Petrobras”. O petróleo é da União, a Petrobras é da União, embora tenha acionistas estrangeiros minoritários. O que nós vamos fazer com esse petróleo? Vender, pura e simplesmente? “Quem quiser vir tirar petróleo aqui, venha, e pode levar



o quanto quiser que isso aqui...” Não. Deus não nos deu isso para que a gente continue fazendo burrice. Deus fez um sinal para nós: mais uma chance para o Brasil. Primeiro, deu inteligência aos nossos engenheiros, para conseguirem fazer da Petrobras a empresa de maior competência em prospecção em águas profundas. Esse petróleo está a quase 7 mil metros de profundidade, a uma temperatura de mais de 200 graus, e nós vamos buscá-lo. Na hora em que a gente for buscá-lo, precisaremos nos lembrar do seguinte: este país tem uma dívida histórica com a educação do seu povo. Este país tem uma dívida histórica com os pobres, que não são poucos.

É preciso que a gente aproveite este momento para tentar discutir como vamos utilizar esse petróleo. Quem é que vai explorar esse petróleo? O lucro vai ficar apenas para uma empresa, para dez empresas, ou parte desse lucro vai ficar para fazer as reparações históricas do que se cometeu neste país? A Noruega tem experiência nisso. Eu não tenho inveja da Noruega porque tem petróleo, porque tem tecnologia. Eu tenho inveja porque tem uma renda per capita de 76 mil dólares. Quem sabe, com mais pré-sal, a gente possa chegar a uma renda per capita... e aí o povo brasileiro vai ser muito mais feliz.

Mais do que isso, Roger, no dia 28 vamos fazer uma reunião para mostrar o que está acontecendo no Brasil. É uma coisa que se você mostrar, individualmente, não se tem noção do conjunto da obra. Se você imaginar que a construção civil no Brasil ficou quase 26 anos decrescendo; se você imaginar que outros setores industriais passaram muitos anos sem investir, uma geração... porque 20 anos é uma geração. É por isso que hoje está faltando engenheiro, carrinho de mão, grua, azulejista e pedreiro. Esta é uma falta boa. É uma falta da qual a gente não deve reclamar. Nós temos é que formar. Duro é quando tinha engenheiro e pedreiro desempregados querendo trabalhar e não tinha emprego; as construtoras fechando, a metalurgia fechando, a indústria automobilística mandando gente embora, o setor têxtil mandando gente embora; era triste. Mas quando se tem todo mundo ávido para contratar e falta





gente no mercado, todos nós acordamos para o erro que este país cometeu quando não fez os investimentos corretos em educação há 50 anos.

Este é o momento que a nossa geração está vivendo. Este é um momento extraordinário que a nossa geração vai deixar como legado para a geração que vier depois de nós. O país crescendo de forma sustentável, a classe média sendo fortalecida... Vocês viram os dados na semana passada: saímos de 34% de brasileiros na classe média para 52%. Isso é um sinal exuberante, e, mais importante, ela cresce no Norte e no Nordeste, que é outro sinal extremamente importante. As grandes cadeias de supermercado que antes passavam pelo Nordeste e não queriam nem olhar para baixo, hoje estão todas indo vender lá, porque os pobres estão começando a comer iogurte. Eu me lembro que há 25 anos a gente comprava, de manhã, um iogurte para cada filho. Eu pensava que era coisa de classe média. O povo está conquistando, aos poucos, aquilo que ele deveria ter há 50 anos.

Não quero culpar ninguém. Acho que é um erro de todos nós, uma visão equivocada da sociedade brasileira, daqueles que tinham e achavam que o restante não tinha que ter. Estou, Roger, prazerosamente satisfeito. A cada dia que acordo - sou um homem muito crente - fico imaginando o que aconteceu neste país nos últimos seis anos. Sei perfeitamente bem o que aconteceu, sei o que nós passamos, mas sei também que nós vencemos. Vencemos de forma sólida, e eu trabalho hoje com a consciência tranqüila de que nós vamos chegar em 2010 numa situação muito mais confortável do que a que estamos hoje. Muito mais empregos, muito mais crescimento do PIB, menos inflação, mais salários, mais Bolsa Família, mais universidades, mais escolas técnicas, mais doutores, mais técnicos, mais produção agrícola, mais exportação.

É por isso que nós todos brigamos, e é por isso que a gente pode, hoje, dizer que está feliz. Vamos chegar, com a China, a 35 bilhões na balança comercial deste ano; vamos chegar, com a Argentina – era de 9 bilhões a balança comercial Brasil-Argentina – a 35 bilhões de fluxo na balança



comercial. Por quê? Porque nós nascemos juntos, todo mundo olhando para os Estados Unidos, e não olhávamos para nós mesmos, para a China, para a Índia, para a África.

Agora começamos a olhar para o mundo como um todo, e não agimos de forma subserviente, indo atrás de quem é mais rico. Não. Nós vamos atrás de quem pode construir parcerias conosco, de quem tem similaridades conosco, de quem pode comprar e vender aquilo que não produz e que nós produzimos, daquilo que significa complementaridade. Podem estar seguros, sobretudo os jovens: vocês farão parte de uma geração que verá este país crescer pelo menos durante 15 anos consecutivos. Se isso acontecer, como eu prevejo, nós recuperaremos todas as mazelas feitas ao longo do século XX neste país.

Por isso, parabéns ao povo do Pará, à Vale e a nossa querida companheira Ana Júlia por ter hoje recebido esta notícia tão extraordinária. Espero que você continue brigando e que conquiste mais coisas. Se tiver problemas com o Roger, ligue para a Dilma, que ele termina cedendo.

Um abraço, gente.

(\$211A)